

Modalidade: Ensino

VESTUÁRIO FEMININO NA BELLE ÉPOQUE CARIOCA

Women's clothing in Belle Époque carioca

Tortelli, Laís Beria; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, lais.b.tortelli@gmail.com¹

Wagner, Priscila Gil; Mestranda; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, priscila.wagner@erechim.ifrs.edu.br²

Dias, Camila Carmona; Doutoranda; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, camila.dias@erechim.ifrs.edu.br³

Resumo: A Belle Époque é caracterizada pelo exagero, pela extravagância e luxo da classe alta. As mulheres consideradas belas na época eram possuidoras da silhueta-ampulheta, construída a força de espartilhos. Através de pesquisa bibliográfica, além de enfatizar o que foi a Belle Époque, buscou-se analisar as influências francesas no estilo carioca e mudanças ocorridas na indumentária feminina com o ingresso no mercado de trabalho. O grupo mais afetado pela cultura francesa foi a elite carioca, principalmente no vestuário e na fala.

Palavras chave: Belle Époque. Luxo. Espartilhos. Carioca. Indumentária

Abstract: The Belle Époque is characterized by the exaggeration, the extravagance and luxury of the upper class. The women considered beautiful at the time were possessed of the silhouette-hourglass, built the strength of corsets. Through a bibliographical research, in addition to emphasizing the Belle Époque, it was sought to analyze the French influences in the carioca style and changes occurred in the women's clothing with the entry into the labor market. The group most affected by French culture was the carioca elite, especially in clothing and speech.

Keywords: Belle Époque. Lux. Corsets. Carioca. Clothing.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Freyre (1986, p. 96), citado por Mendes e Carvalho (2015, p. 11), “a moda é moldada de acordo com o clima e ecologia do país, ou seja, as roupas e tecidos devem ser adaptadas a cada lugar de acordo com o clima”. O termo Belle Époque determina

¹ Graduanda do Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Erechim.

² Mestranda em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA); Graduada em Design de Moda e Tecnologia pela Universidade Feevale; Docente do Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Erechim

³ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF); Docente do Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Erechim

o espírito da época que vai de 1890 até o começo da Primeira Guerra Mundial, tendo como características a extravagância e o luxo da classe alta, ostentação e o bem viver (MOUTINHO, 2000 *apud*. MENDES; CARVALHO, 2015).

Este trabalho sobre regionalismos brasileiros, com foco no Rio de Janeiro, desenvolvido a partir da disciplina História da Moda III, do Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda, do IFRS Campus Erechim, tem como objetivo apresentar o que foi o período da Belle Époque no Brasil, caracterizada pela extravagância e bem viver da elite, além de exibir as influências europeias na Belle Époque carioca, na qual a moda era copiada ou importada de Paris. Além disso, foram enfatizadas algumas mudanças ocorridas na indumentária carioca, a partir do momento em que as mulheres entraram no mercado de trabalho, desempenhando funções em escritórios. A Belle Époque sempre é lembrada nas disciplinas de história da moda, porém com foco maior em Paris e no Brasil, como um todo. Desse modo, é oportuno pesquisar e conhecer a época no Rio de Janeiro, cidade famosa na qual a moda parisiense servia como modelo de cópia.

A revisão de literatura foi estruturada em três partes: a primeira consiste nas características e surgimento da Belle Époque no Brasil, bem como, conceitos, beleza estética e o uso do espartilho; a segunda apresenta as influências francesas na moda do Rio de Janeiro, onde após ser lançada em Paris, a moda era copiada pelos cariocas, precisando apenas ser adaptada com tecidos condizentes com o clima tropical; na última parte é evidenciado o vestuário feminino carioca, no período da Belle Époque, que com o passar dos anos foi sendo alterado pela necessidade de praticidade em funções trabalhistas. Por fim, são destacadas a conclusão, resumida no luxo e na extravagância, adaptações climáticas, influências da cultura francesa e silhueta do período pesquisado.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Belle Époque

A Belle Époque brasileira foi um ciclo de afirmação do estado republicano e de poderio econômico da elite cafeeira. A sociedade era severamente patriarcal e as mulheres, crianças e criados, eram seres submissos (PRADO; BRAGA, 2011).

No Brasil, iniciou com a entrada de Campos Sales na Presidência da República, em 1898, e com o restabelecimento da tranquilidade sob o sustento das elites regionais. O que proporcionou a permanência e o clima de calma foi a condição da moeda brasileira, que graças a exportação de café, permaneceu forte (ZANON, 2009).

A imagem de beleza estética da Belle Époque instituía, às elegantes, a silhueta-ampulheta, ou a também chamada cintura de marimondo. Eram concebidas à força de

espartilhos, que apertavam o ventre e as costas, salientando as nádegas para trás e os seios para frente. Produzido com tecido firme e com varetas feitas de barbatana de baleia, o espartilho devia ser utilizado pelas mulheres desde os 11 anos, causando deformações na estrutura óssea, atrofia das costelas inferiores, além de prejudicar o baço, o fígado, os pulmões e os rins, podendo levar à morte. Mais tarde, foram criadas varetas flexíveis de aço, que diminuíram o sofrimento das mulheres (PRADO; BRAGA, 2011).

No início do século XX, devido aos cinemas e o aumento constante das influências culturais, a mulher brasileira deixou de lado as saias pesadas e as cozinhas de suas casas, na qual estavam presas, em busca de um novo espaço social. Ainda no início do século XX, a energia elétrica passou a ser produzida em proporção industrial, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Diante disso, salas de cinemas foram abertas na capital (PRADO; BRAGA, 2011). Para adentrar à nova oportunidade que lhes abria, era preciso novas roupas, com mais conforto e livre de espartilhos, babados e adornos em exagero (PRADO; BRAGA, 2011).

2.2 Belle Époque carioca

A miscigenação cultural trouxe para o vestuário influências francesas, indígenas, africanas e portuguesas. A França contribuiu na mutação dos hábitos culturais colaborando na elaboração da identidade brasileira e na modificação das artes (MENDES; CARVALHO, 2015).

O que mais influenciou o Brasil na moda, por volta do século XIX, foi o estilo parisiense, pois popularizava seu estilo de vida e modos de vestir. O estilo Império vestido pelas francesas, tornou-se típico para as cariocas, que utilizavam em várias ocasiões. Apesar de seguirem a moda francesa, era viável ver a intervenção da cultura africana nos adornos das roupas (MENDES; CARVALHO, 2015).

A Belle Époque no Brasil foi identificada devido o fortalecimento político da República, o desenvolvimento econômico e o crescimento dos centros urbanos, em especial, o Rio de Janeiro. No início do século XX, a capital imitava a moda parisiense, e a cultura era predominantemente moderna, tornando a cidade um modelo de uma nova ordem mundial, e tema das ocorrências artísticas e culturais (SOUZA, 2008).

A imagem proposta pelo termo Belle Époque, lembra a abundância de riquezas, pessoas finas, bem vestidas e, uma sociedade encantadora, residindo em uma cidade moderna, conectada na moda de Paris (SOUZA, 2008).

Modas que antes duravam décadas passaram a permutar em intervalos menores, sendo lançadas a cada estação do ano. Pelo fato de que não possuía uma produção local

de moda, o procedimento era mais demorado no Brasil. A indústria brasileira era atrasada comparada ao mercado de moda europeu, onde já existiam profissionais de moda e costureiros, que surgiram no Brasil apenas por volta do século XX (PRADO; BRAGA, 2011). Os cariocas batalharam para reproduzir o estilo de vida francês em sua rotina, o que virava moda na França, espontaneamente se tornava moda no Brasil (MENDES; CARVALHO, 2015).

O clima francês não era harmônico com o clima tropical. As roupas provenientes da Europa eram adequadas para um clima mais frio, contraditório do calor intenso do Rio de Janeiro. Se as roupas eram desconfortáveis para os europeus, eram ainda mais inadequadas para as cariocas (NEEDELL, 1993, p. 199 *apud.* MENDES; CARVALHO, 2015), por isso, os tecidos precisavam ser adaptados, para a moda seguir nas circunstâncias tropicais (FREYRE, 1986 *apud.* MENDES; CARVALHO, 2015).

As revistas obtiveram relevância para o Rio de Janeiro no início do século XX. A Fon-Fon! foi vista como a melhor revista da época, circulando entre 1907 até 1958. O nome era originário de uma onomatopeia, imitando o barulho das buzinas dos automóveis, símbolo do desenvolvimento econômico e da industrialização do país (MENDES; CARVALHO, 2015).

2.3 Vestuário feminino da Belle Époque

No período de duas décadas e meia, estendidas pela Belle Époque ocorreram diversas modificações nos modos de vestir. As mulheres julgadas atraentes possuíam “corpo-ampulheta” (PRADO; BRAGA, 2011) em consequência do uso do espartilho, que exibia a silhueta em S, com destaque às curvas, busto realçado, quadris arqueados e ventre contraído (MENDES; CARVALHO, 2015). O espartilho também servia para defendê-las do desejo masculino.

A mão cobria-se com luvas, os cabelos, com véus e chapéus, os pés com sapatos finos, o corpo, submerso por toneladas de tecidos, só se despia por ocasião de bailes. Aí os decotes revelavam o verdadeiro desenho de pescoços e ombros. O ideal do charme feminino correspondia a um mosaico de cheiros e vazios, curvas e retas: ombros arredondados e inclinados em suave queda, pescoço flexível e bem lançado, seios obviamente opulentos, bacia larga e évasé talhe esbelto e fino, braços carnudos, pulsos delicados e magros, mãos longas, mas recheadas, dedos afilados, pernas sólidas, pés pequenos e de artilhos bem graduados. Curvas, ondas, acidentes compunham a cartografia física, feita de escrupulosa distribuição de superfícies e volumes (PRADO; BRAGA, 2011, p. 34).

As mangas chegaram até a altura do antebraço, com abertura nas extremidades, assim como os vestidos e saias, justos nos quadris e coxas, e abertos na altura da panturrilha (PRADO; BRAGA, 2011). Os casacos tinham corte em “v” na parte superior, cobrindo o busto. As pernas deviam ser cobertas por diversas camadas de saias, só

deixando aparecer a ponta das botinas. As saias possuíam uma pequena cauda, que se arrastava pelo chão. Para ajustar os passos, muitas mulheres faziam uso de ligas de entrave, presas às panturrilhas e unidas uma à outra por fitilhos, que limitava o andar, tornando-o mais curto, logo, mais elegante. Foi o auge do aprisionamento do corpo feminino (PRADO; BRAGA, 2011).

Eram utilizados chapéus sob os cabelos compridos presos em coques, sombrinhas para protegerem as mulheres do sol, com o intuito de manter a pele pálida, evitando o bronze pelo sol forte do clima carioca (AUGUSTO, 2013).

As formas de vestir eram determinadas de acordo com a situação econômica de cada faixa social (PRADO; BRAGA, 2011). A classe alta procurava mostrar, por meio de seus artigos luxuosos e do vestuário, sua superioridade em relação à classe trabalhadora, com maior parte constituída por negros (MENDES; CARVALHO, 2015). As classes menos distribuídas não desistiam de copiar, de alguma maneira, as vestimentas da alta sociedade, que também copiavam ou importavam à moda de Paris (PRADO; BRAGA, 2011).

As vitrines cariocas eram cheias de artigos franceses, roupas, perfumes, calçados e tecidos (MOUTINHO, 2000, p. 33 *apud*. MENDES; CARVALHO, 2015). Entre os tecidos preferidos, estavam: seda, tafetá, gaze, chiffon, crepe da Índia, linho, shantung, veludo, lã, brocado e adamascado. O algodão, considerado tecido de segunda categoria e associado à indumentária dos mais pobres, não era muito utilizado, ficando apenas para as roupas de baixo, e trajes de banho, que mais tarde foram substituídos por malha de lã (PRADO; BRAGA, 2011).

O francês era muito usado pelas mulheres, e assim palavras e trajes com relação à moda e arte, tiveram seus nomes oriundos da língua francesa, como o maiô e o *tailleur*, que integraram a cultura carioca em virtude dos franceses (MENDES; CARVALHO, 2015).

A partir do momento em que ingressaram no mercado de trabalho, a vida das mulheres de classe média começou a mudar e, novos modismos se tornaram necessários. A saia e a blusa tornaram-se uniformes e, assim, o *tailleur*, criado pelo costureiro John Redfern, fundamentado no terno masculino, foi introduzido e ganhou destaque durante a Belle Époque. O modelo com corte masculino, além de ser usado por ciclistas era produzido para mulheres que precisavam de roupas confortáveis para executar tarefas no trabalho (MOUTINHO, 2000 *apud*. MENDES; CARVALHO, 2015).

O *tailleur* apresentava modelos para o verão, confeccionados de algodão com blusas de mangas curtas, e para o inverno, feitos de lã. Em ambos os modelos, as saias tinham comprimento até os tornozelos (MENDES; CARVALHO, 2015).

No final do século XIX, surgiu o maiô, devido os banhos de mar realizados primeiramente pelos enfermos. Posteriormente, tornou-se razão de lazer e diversão, e com isso foram produzidas as primeiras roupas de banho. Os trajes eram iguais para ambos os sexos, mas as mulheres usavam um saiote para distinção, e os homens deveriam ficar em lados opostos às mulheres durante os banhos (MENDES; CARVALHO, 2015).

Na segunda metade dos anos 1920, os maiôs começam a ficar menores e mais confortáveis. Eram usados em malha jérsei de lã, até a parte superior das coxas, podendo ser inteiro ou em duas partes, integrados por um calção curto justo, e blusa cavada, ou por um calção sob uma túnica, com cinto. Também eram utilizadas as toucas de borracha (PRADO; BRAGA, 2011).

A pintura do rosto não era bem-vista na Belle Époque. Algumas mulheres usavam apenas um tom rosado nas unhas. A sociedade condenava a pintura do rosto, esquecendo-se que a cidade, não deveria abandonar o que foi aclamado e reconhecido pelas épocas passadas, onde os rostos eram excessivamente pintados (PRADO; BRAGA, 2011).

O Rio de Janeiro conservou, entre 1970 e 1980, a supremacia da moda nacional, reunindo criações em prêt-à-porter que se difundiam para lojas de todo o país. Inicialmente com inspiração hippie, foi o topo de uma moda descontraída, solta, charmosa, alegre, e depois, de formas brilhantes, sofisticadas e minimalistas. Segundo o estilista José Augusto Bicalho, “tudo o que acontecia no Rio tomava dimensão internacional, maior do que em São Paulo” (PRADO; BRAGA, 2011).

3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do artigo, foram realizadas pesquisas bibliográficas, que segundo Gil (2008), é concedida a partir de materiais já elaborados, constituídos por artigos científicos e livros, que nessa pesquisa foi dividida em três partes. Na primeira, buscou-se contextualizar o que foi a Belle Époque brasileira, com autores como Prado e Braga (2011) e Zanon (2009). Na segunda, por meio de artigos de Mendes e Carvalho (2015), Souza (2008) e livro do Prado e Braga (2011), foi abordada a influência francesa na vida das cariocas, que copiavam ou importavam a moda parisiense. Por fim, foram enfatizadas algumas mudanças ocorridas na indumentária feminina durante a Belle Époque, fazendo uso de autores como Prado e Braga (2011), Mendes e Carvalho (2015) e Augusto (2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Belle Époque iniciou no Brasil em 1898, com características de luxo e extravagância, adquirindo grande importância nos estados brasileiros, especialmente no Rio de Janeiro, onde ficou conhecida como Belle Époque Tropical.

A capital francesa estava presente na rotina da população carioca, visto que, queriam viver e usar justamente o que os franceses viviam e usavam. Durante o período, não havia uma moda verdadeiramente brasileira, ela era copiada ou importada de Paris.

Devido a condição climática carioca ser oposta à parisiense, as roupas precisavam ser adaptadas, apostando em tecidos mais finos e leves.

Apesar da imagem de beleza estética feminina ser a silhueta-ampulheta na época, as saias pesadas e os espartilhos precisaram ser deixados de lado para que as mulheres pudessem sentir-se confortáveis nas funções desempenhadas no mercado de trabalho. A elite carioca foi a parte mais influenciada pela cultura francesa, especialmente no que diz respeito à fala e ao vestuário.

A pesquisa atingiu os objetivos propostos, aprofundando conhecimentos na área do vestuário, que obteve mudanças positivas no decorrer dos anos.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, M. D. **A Belle Époque carioca em revista**. 9º Colóquio de Moda, 2013, Fortaleza. Rio de Janeiro, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Edição – Editora Atlas, São Paulo, 2008.

MENDES, R. A.; CARVALHO, A. **Os modos de vestir e a influência francesa na Belle Époque carioca**. Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística - Vol. 5 no 2. São Paulo, 2015.

PRADO, L. A do; BRAGA, J. **História da Moda no Brasil: das influências às autorreferências**. 2ª Edição – Disal Editora, São Paulo, 2011.

SOUZA, F. G. **A Belle Époque carioca: imagens da modernidade na obra de Augusto Malta (1900-1920)**. Juiz de Fora, 2008.

ZANON, M. C. **A sociedade carioca da Belle Époque nas páginas do FonFon!** Assis – São Paulo, 2009.